

Estratégias de *hedging*: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o inglês

Hedging strategies: a comparative study between Brazilian
Portuguese and English

Las estrategias de *hedging*: un estudio comparativo entre el
Portugués Brasileño y el Inglés

Bruna Milano Schepers¹

RESUMO: O presente trabalho busca descrever o uso de *hedges* em artigos científicos escritos por brasileiros em português e em inglês e em artigos escritos por falantes nativos norte-americanos em inglês e as possíveis transferências linguísticas provenientes de sua língua materna. Depois de um estudo teórico sobre a escrita acadêmica e uma breve explicação acerca do gênero artigo científico, abordamos as definições de *hedges*, assim como os seus usos e funções no texto acadêmico. Em seguida, descrevemos a metodologia baseada nos princípios da Linguística de *Corpus*. O *corpus* analisado é composto por 30 artigos de pesquisa: 10 artigos escritos em português brasileiro, 10 artigos escritos em inglês por falantes nativos de português e 10 artigos escritos em inglês por falantes nativos norte-americanos. Para a análise e discussão dos dados utilizamos as taxonomias de Hyland (1998, 2000). Os resultados mostraram diferenças nos *corpora* escritos por brasileiros em comparação ao *corpus* de inglês nativo, indicando possíveis transferências entre as línguas. Este trabalho contribui, portanto, para a área dos estudos do texto especializado, dos estudos contrastivos e do ensino de línguas para fins específicos.

PALAVRAS-CHAVE: *Hedges*. Escrita acadêmica. Linguística de *corpus*. Transferência.

ABSTRACT: This work aims at describing the use of *hedging* strategies in research articles written by Brazilians in Portuguese and in English and articles written by North American natives in English, and the possible linguistic transfers from their mother tongue. After a theoretical study of the academic writing and a brief explanation about the genre research article, we present some definitions of *hedges*, as well as their uses and functions in academic texts. Secondly, we describe the methodology based on the principles of *Corpus* Linguistics. The analyzed *corpus* consists of 30 research articles: 10

¹ Mestra em Linguística. Doutoranda em Linguística (PUCRS). Contato: bruna-milano@hotmail.com.

written in Brazilian Portuguese, 10 written in English by native speakers of Portuguese and 10 written in English by North American native speakers. The analysis and discussion of the data were based on the taxonomies proposed by Hyland (1998, 2000). The results showed some differences in the two *corpora* written by Brazilians in relation to the native English corpus, which may indicate possible transfers between languages. This work, therefore, contributes to the area of specialized text studies, as well as to the area of contrastive studies and the teaching of languages for specific purposes.

KEYWORDS: *Hedges*. Academic writing. *Corpus* Linguistics. Transfer.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo describir el uso de *hedging* en artículos científicos escritos por los brasileños en portugués y en Inglés y artículos escritos por hablantes nativos de inglés americano y las posibles transferencias de lenguaje de su lengua materna. Después de un estudio teórico sobre la escritura académica y una breve explicación acerca del género artículo científico, abordamos las definiciones de *hedges*, así como sus usos y funciones en el texto académico. A continuación, describimos la metodología basada en los principios de la Lingüística de Corpus. El corpus analizado consta de 30 artículos de investigación: 10 artículos escritos en portugués de Brasil, 10 artículos escritos en Inglés por hablantes nativos de portugués y 10 artículos escritos en Inglés por los nativos americanos. Para el análisis y discusión de los datos utilizamos las taxonomías de Hyland (1998, 2000). Los resultados mostraron diferencias en los *corpora* escritos por brasileños en comparación al corpus de inglés nativo, indicando posibles transferencias entre las lenguas. Este trabajo contribuye, por lo tanto, al área de los estudios del texto especializado, de los estudios contrastivos y de la enseñanza de lenguas con fines específicos.

PALABRAS CLAVE: *Hedges*. Escritura académica. Lingüística de *corpus*. Transferencia.

Considerações Iniciais

A língua inglesa atingiu o status de *língua franca*² no cenário mundial e, cada vez mais, pesquisadores estão divulgando seus trabalhos em inglês com o objetivo de aumentar a visibilidade de suas pesquisas na comunidade acadêmica internacional. Diante deste cenário, o Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) tem evoluído rapidamente, adquirindo um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, muitos pesquisadores ainda enfrentam dificuldades no uso da linguagem acadêmica em suas línguas maternas e, principalmente, em outros idiomas. Textos escritos em línguas distintas, mesmo que pertencentes ao

² Hyland (2006) define *língua franca* como uma variedade de inglês que não assume a adesão a todas as convenções de comunicação da língua inglesa.

mesmo gênero discursivo, apresentam diferenças marcantes. Sendo assim, o não conhecimento dos padrões retóricos de um determinado idioma pode resultar em um obstáculo para o pesquisador que tem por objetivo ser aceito por uma comunidade discursiva específica.

Devido à internalização e globalização da educação superior, a área de IFA tem apresentado mudanças e procurado formas de compreender e lidar com os contextos sociais, culturais e ideológicos de uso da língua, visto que a população acadêmica tem se tornado extremamente diversificada, particularmente no que diz respeito aos contextos étnicos e linguísticos (HYLAND, 2006). Estudos revelam que as convenções da escrita científica e o estilo de argumentação variam em diferentes culturas (CLYNE, 1991; GALTUNG, 1979; MARKKANEN; SCHRÖDER, 1988a, 1988b). Dessa forma, é possível afirmar que, como textos escritos não podem ser dissociados de seus contextos sócio-culturais, o estudo translinguístico sobre como pesquisadores modulam seus discursos em diferentes línguas e gêneros parece ser de extrema importância.

Dentre os inúmeros aspectos que podem ser analisados na escrita acadêmica, os *hedges* e suas diferentes estratégias de modalização foram escolhidos para uma análise mais aprofundada, visto que são fundamentais para o discurso acadêmico (ROUNDS, 1982). Os *hedges* são definidos por Lakoff como “os termos cuja função é fazer com que os enunciados fiquem mais ou menos imprecisos” (LAKOFF, 1973, p. 471), de modo a modificar o grau de categorização das palavras e valor de verdade das sentenças.

Dessa forma, considerando-se a importância de tais estratégias para a escrita acadêmica, a pouca informação em livros didáticos (ZUCK; ZUCK, 1987) e o fato de que falantes não nativos não dão a devida atenção a essas estratégias (LACKSTROM; SELINKER; TRIMBLE, 1972), o presente estudo busca descrever o uso dos *hedges* em arquivos científicos da área de Letras e as possíveis transferências linguísticas da L1 para a L2. A análise dos dados será feita com base nas listas de *hedges* propostas por Hyland (1998, 2000) e nos princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY; HARDIE, 2012).

Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) e a Escrita Acadêmica como Objeto de Pesquisa

O Inglês para Fins Acadêmicos (*English for Academic Purposes* – EAP) pode ser definido como o ensino de inglês com o objetivo de auxiliar nos estudos ou pesquisas do aprendiz do idioma. É um termo bastante amplo que abrange todas as áreas de práticas comunicativas acadêmicas. Além disso, a área de IFA tem se expandido rapidamente devido ao uso cada vez maior do inglês por falantes não nativos que trabalham em países onde a língua inglesa é utilizada como meio de instrução no ambiente universitário.

Diante deste cenário, é possível afirmar que a instrução no âmbito da escrita acadêmica é fundamental, seja na primeira língua ou em uma língua adicional, doravante LA³. O ensino da escrita acadêmica, seja em contextos de língua materna, segunda língua ou língua estrangeira há muito constitui foco das atenções em diversos centros do mundo (KROLL, 2001). Existe, no entanto, uma crença popular de que este tipo de escrita seria uma série de constatações impessoais de fatos que constituem a verdade (HYLAND, 1998). No entanto, autores como Hyland (1994) afirmam que o texto escrito envolve uma interação entre autor e leitor e o processo de aprendizagem da escrita, principalmente no ambiente universitário, envolve um processo de criação de identidade (SHEN, 1988).

Entretanto, tal processo de criação de identidade pode apresentar dificuldades para estudantes de LA que escrevem em uma outra língua que não a sua. Considerando-se que existem diferenças nas escolhas léxico-gramaticais e nas convenções típicas de cada idioma, iniciantes e pesquisadores que desconhecem os padrões retóricos de uma determinada língua “terão

³ Neste trabalho, optamos pelo termo *língua adicional* (LA) ao invés de *segunda língua* ou *língua estrangeira*. Esta escolha se justifica por ser este um termo mais abrangente. O termo *segunda língua* não inclui uma terceira ou, até mesmo, quarta língua; e o termo *língua estrangeira* pode apresentar conotações negativas. Mais informações podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.ibe.unesco.org/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac06e.pdf>.

dificuldades em divulgar suas ideias, assim como também persuadir os colegas, seus possíveis leitores, quanto à veracidade ou ainda à importância de suas pesquisas” (CARVALHO, 2011, p. 17).

Dessa forma, se considerarmos a escrita acadêmica como um grupo de práticas sociais coletivas, o foco dos estudos nesta área deve, de acordo com Hyland (2000), estar em textos publicados, pois constituem as realizações mais concretas, públicas e acessíveis dessas práticas. O artigo científico, por exemplo, mesmo sendo comum a várias áreas, é elaborado de uma maneira peculiar em cada uma delas e, frequentemente, é possível notar diferenças léxico-gramaticais, semântico-pragmáticas e de organização retórica entre áreas distintas (BHATIA, 1997).

Portanto, na tentativa de serem aceitos por uma comunidade discursiva, o pesquisador deverá utilizar-se de estratégias que auxiliem na criação de sua identidade acadêmica. Como exemplo, temos as estratégias de *hedging*, que serão definidas na próxima seção.

***Hedging* na Escrita Acadêmica**

O estudo de *hedges* consolidou-se na área da Linguística somente na década de 70, com os estudos de Lakoff. Após Lakoff, muitos autores passaram a estudar os *hedges* com a função de modificar a força dos atos de fala, mas, somente a partir dos estudos de Brown e Levinson (1987), os *hedges* passaram a fazer parte do domínio da pragmática.

Hyland define *hedges* como as palavras ou expressões que apresentam tentativas e possibilidades de grande importância para a escrita acadêmica, podendo ser expressas por verbos modais, verbos lexicais, advérbios e adjetivos (HYLAND, 1998, 2000). No Brasil, o termo foi cunhado por Almeida (1999) como *anguladores*. A autora constata que um aspecto comum a todos os anguladores no português brasileiro é o fato de “serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo” (ALMEIDA, 1999, p. 135).

Considerando-se as competências discursivas necessárias para o discurso acadêmico, é possível afirmar que as estratégias de *hedging* apresentam um papel essencial na escrita, visto que permitem que os autores manipulem seu texto convidando o leitor a fazer inferências. Estudos como o de Hyland (1995), de Neary-Sundquist (2013) e de Clyne (1991, p. 57 apud VARTALLA, 1999) mostraram que aprendizes de inglês apresentam algumas dificuldades ao utilizar *hedges* e que, ao produzir textos em inglês, alguns pesquisadores tendem a usar mais *hedges* do que os falantes nativos.

Partindo-se do pressuposto de que indivíduos de diferentes contextos culturais utilizam as estratégias de *hedging* diferentemente, o uso dessas estratégias e destes termos e/ou expressões deve ser estudado e ensinado de forma explícita, pois pode apresentar um importante problema para falantes não nativos da língua-alvo. Um aspecto que poderia afetar a escrita acadêmica em termos pragmáticos seria a transferência de uma língua para a outra, fenômeno que será explicado a seguir.

Influência Translinguística

O termo Influência Translinguística foi primeiramente introduzido por Sharwood-Smith (1983) e Kellerman (1984). O mesmo se refere às possíveis influências de aspectos relacionados à língua adicional por línguas adquiridas antes da língua-alvo. De acordo com Odlin (1989, p. 27) “transferência é a influência da L1 na L2, resultando em similaridades e diferenças entre elas”.

No passado, muito se discutiu se a questão da língua nativa de um indivíduo era positiva ou negativa para o aprendizado de uma LA. Na escrita, os aprendizes de uma LA podem apresentar, ao organizar seus textos, dificuldades que são atribuídas a problemas de influência ou transferência linguística, pois como o indivíduo já apresenta uma escrita permeada por valores culturais em sua L1, essa escrita já formada poderia influenciar a escrita em outra língua (CONNOR, 1996; KADAR-FULOP, 1988; PURVES, 1988).

As transferências linguísticas na escrita acadêmica apresentam, portanto, muitas implicações pedagógicas, como afirma Uysal (2012):

Tais conflitos interculturais ou falhas sócio-pragmáticas, especialmente em contextos acadêmicos internacionais, muitas vezes causam desvantagens para falantes não nativos, como, por exemplo, dificuldades no componente de escrita em testes internacionais de inglês ou dificuldades com publicações em revistas acadêmicas em língua inglesa, que muitas vezes são avaliadas de acordo com critérios de persuasão de falantes nativos.⁴ (UYSAL, 2012, tradução nossa).

As diferenças culturais, portanto, não devem ser ignoradas no contexto acadêmico instrucional, visto que as transferências vão seguir a preferência da língua nativa. As aulas de escrita acadêmica devem tratar este aspecto explicitamente, com o objetivo de evitar transferências negativas de estruturas da língua materna que possam causar problemas no âmbito da pragmática.

Metodologia

Este artigo tem base quali-quantitativa e pretende descrever, caracterizar e explicar o uso de *hedges* por falantes nativos do português brasileiro e falantes nativos e não nativos do inglês em artigos acadêmicos publicados em revistas especializadas disponíveis online.

Seguindo os princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* (BERBERSARDINHA, 2004; McENERY; HARDIE, 2012), o *corpus* deste estudo é composto por 30 artigos de pesquisa, subdivididos da seguinte forma:

- 10 artigos em português brasileiro escritos por falantes nativos da língua;

⁴ Citação original: "Such cross-cultural conflicts or socio-pragmatic failure especially in international academic contexts often cause disadvantages for non-native speakers (NNS) such as having difficulties in the writing component of international tests of English or publishing in English academic journals, which are often evaluated according to English Native Speaker (NS) criteria of persuasiveness."

- 10 artigos em inglês escritos por brasileiros que possuem conhecimento de inglês como LA;
- 10 artigos em inglês escritos por falantes nativos norte-americanos.

Os artigos foram coletados de revistas especializadas da área de Letras, estão disponíveis online e foram publicados entre os anos de 2007 e 2015. Os periódicos foram selecionados de acordo com suas classificações no Sistema *Qualis* da CAPES. Os mesmos possuem níveis A1, A2, B1 e B2, de forma a garantir a qualidade da pesquisa e da escrita.

Após a seleção dos artigos, os arquivos em formato *.pdf* foram convertidos para *.txt* e, em seguida, foi feita uma limpeza manual dos textos, a fim de retirar tudo que não era necessário para a pesquisa, como, por exemplo, quadros, tabelas, gravuras, resumos e referências. O próximo passo consistiu na etiquetagem dos textos para o armazenamento nas suas respectivas pastas.

No que diz respeito à extensão, os *corpora* utilizados nesta pesquisa somam um total de 155.064 palavras. A extensão de cada um dos *corpora* pode ser vista no quadro a seguir:

Tabela 1 – Extensão dos corpora

<i>Corpus</i>	Número de palavras	Número de arquivos
CPB (Português Brasileiro)	39.673	10
CInLA (Inglês como LA)	41.121	10
CInL1 (Inglês como L1)	74.270	10
TOTAL	155.064	30

Fonte: a autora.

Para tratar os dados deste estudo, foi utilizada, segundo os princípios da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY; HARDIE, 2012), a ferramenta computacional de análise linguística AntConc (ANTHONY, 2014).

Primeiramente, gerou-se uma lista de todas as palavras do *corpus* com a ferramenta disponível no programa, com o objetivo de iniciar o levantamento dos dados. Em seguida, utilizou-se a ferramenta de análise das concordâncias (*Concordancer Tool*) para mostrar como o termo pesquisado é utilizado no *corpus*

e avaliar seus padrões de uso e suas funções. O próximo passo foi analisar a frequência de ocorrência dos *hedges* selecionados, para, em seguida, contrastar os valores de frequência nos *corpora* em análise, a fim de verificar possíveis transferências linguísticas. As ocorrências de *hedges* foram selecionadas manualmente, de acordo com a classificação adotada para a pesquisa.

Descrição e Análise dos Dados

Como já mencionado, a busca deste estudo teve foco nos verbos modais, verbos lexicais, advérbios e adjetivos utilizados como estratégia de *hedging*. A frequência total de *hedges* encontrada em cada um dos *corpora* analisados resume-se no quadro a seguir:

Tabela 2 – Número total de ocorrências de *hedges* nos corpora CPB, CInLA, CInL1

<i>Corpus</i>	Número de ocorrências de <i>hedges</i>
CPB	629
CInLA	1.214
CInL1	1.740

Fonte: a autora.

No *corpus* CPB, foram encontrados o seguinte número de ocorrências e as seguintes frequências:

Tabela 3 – Número de ocorrências por categoria lexical no corpus CPB

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	217	34,5%
Verbos Lexicais	276	43,9%
Advérbios	67	10,7%
Adjetivos	69	10,9%
TOTAL	629	100%

Fonte: a autora.

Em uma breve análise, podemos notar que há a predominância do uso de verbos como estratégia de *hedging*, sendo estes tanto verbos modais quanto verbos lexicais. Os verbos modais mais utilizados são *poder* (n=170) e *dever*

(n=47), em diferentes tempos verbais. Quanto aos verbos lexicais, podemos destacar os verbos *considerar* (n=57), *parecer* (n=32), *perceber* (n=27), *demonstrar* (n=23), *propor* (n=21), *indicar* (n=19), *afirmar* (n=17), *verificar* (n=13), *sugerir* (n=12), dentre outros.

No *corpus* CInLA, foram encontradas as seguintes ocorrências e frequências:

Tabela 4 – Número de ocorrências por categoria lexical no corpus CInLA

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	623	51,3%
Verbos Lexicais	335	27,6%
Advérbios	194	16,0%
Adjetivos	62	5,1%
TOTAL	1.214	100%

Fonte: a autora.

O quadro acima evidencia a predominância dos verbos como estratégias de *hedging* em inglês, sendo os verbos modais mais frequentes que os lexicais. O verbo modal com maior número de ocorrências é o verbo *can* e suas derivações, com 203 ocorrências, ou seja, 32,6% em relação ao número total de verbos modais. Das 203 ocorrências encontradas, 127 apresentam o verbo no presente (*can*), 55 no passado (*could*), 20 na forma negativa (*cannot*) e apenas uma ocorrência da forma negativa de *could* (*could not*). Quanto aos verbos lexicais, o verbo com maior número de ocorrências foi *to consider*, com 51 ocorrências no total, seguido de *to seem*, com 44 ocorrências, e *to indicate*, com 30 ocorrências.

No *corpus* CInL1, *corpus* que será utilizado como referência na análise comparativa, foram encontradas as seguintes ocorrências e frequências:

Tabela 5 – Número de ocorrências por categoria lexical no corpus CInL1

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	824	47,4%
Verbos Lexicais	500	28,7%
Advérbios	329	18,9%
Adjetivos	87	5,0%
TOTAL	1.740	100%

Fonte: a autora.

Neste *corpus*, foram encontradas 824 ocorrências de verbos modais. O verbo modal com o maior número de ocorrências foi o verbo *can* e suas derivações, com 297 ocorrências, ou seja, 36% do número total de modais. Das 297 ocorrências encontradas neste *corpus*, 220 são do verbo no presente (***can***), 38 na forma negativa (*cannot*), 39 no passado (*could*) e duas na forma negativa (*could not*). Já o verbo lexical mais utilizado como estratégia de *hedging* foi o verbo *to suggest*, com um total de 74 ocorrências, seguido do verbo *to consider* (n=60), *to argue* (n=53) e *to indicate* (n=51).

Discussão Comparativa dos Dados

Nesta seção, serão analisados os *hedges* presentes nas produções escritas de brasileiros (em PB e em inglês) e de falantes nativos de inglês, através da comparação das frequências de cada categoria de *hedge* nos três *corpora* que compõem este estudo. Para tal, apresenta-se uma comparação geral dos *corpora*. Logo após, analisa-se o uso de *hedges* por falantes de PB na sua L1 e na LA, utilizando o *corpus* CInL1 como referência, a fim de apontar possíveis transferências entre as línguas.

A tabela a seguir apresenta algumas informações básicas referentes aos *corpora* analisados.

Tabela 6 – Número de palavras, ocorrências de hedges e total de ocorrências em cada categoria lexical nos três corpora

CORPUS	TOTAL DE PALAVRAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE HEDGES	TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE HEDGES POR CATEGORIA LEXICAL	
CPB	39.673	629	V. M. ⁵	217
			V. L. ⁶	276
			Adv. ⁷	67
			Adj. ⁸	69
CInLA	41.121	1.214	V. M.	623
			V. L.	335
			Adv.	194
			Adj.	62
CInL1	74.270	1.740	V. M.	824
			V. L.	500
			Adv.	329
			Adj.	87

Fonte: a autora

É importante considerarmos a frequência⁹ de aplicação de *hedges* em cada *corpus*. Tais frequências podem ser vistas no quadro abaixo:

Tabela 7 – Frequência do uso de hedges em cada corpus

CORPUS	FREQUÊNCIA DO USO DE HEDGES
CPB	1,58%
CInLA	2,95%
CInL1	2,34%

Fonte: a autora.

A partir dos dados da tabela acima, é possível afirmar que os artigos em PB apresentaram uma menor frequência de uso de *hedges* em comparação aos textos em inglês. A frequência de 2,95% no *corpus* CInLA indica que os brasileiros utilizaram mais modalizadores ao escrever na LA. A diferença entre o uso de *hedges* na L1 e na LA é bastante evidente. As frequências aproximadas entre os

⁵ Verbos modais

⁶ Verbos lexicais

⁷ Advérbios

⁸ Adjetivos

⁹ Números obtidos dividindo-se o número total de *hedges* pelo número total de palavras.

corpora CInLA e CInL1 parecem sugerir que os falantes nativos de português possuem alto nível de proficiência e, assim, seguem padrões similares aos encontrados no *corpus* de inglês nativo.

As frequências também parecem estar de acordo com estudos prévios (CLYNE, 1991; REZENDE; HEMAIS, 2004), que afirmam que falantes não nativos de inglês fazem maior uso de estratégias de *hedging* do que os nativos. Uma possível explicação para tal fenômeno seria que artigos escritos em inglês teriam como alvo um público mais amplo, o que resultaria em uma maior modalização do discurso por parte dos autores, considerando-se que diferentes comunidades discursivas podem apresentar diferentes padrões retóricos e diferentes critérios de avaliação.

Em uma comparação geral, foi possível perceber alguns aspectos marcantes referentes às produções de brasileiros e norte-americanos. No que diz respeito aos verbos, alguns fatores devem ser apontados. O *corpus* CPB foi o único que apresentou uma predominância dos verbos lexicais em relação aos modais. Nos outros dois *corpora* (CInLA e CInL1), os modais correspondem a aproximadamente metade do número total de *hedges* utilizados. De forma geral, nos três *corpora*, os verbos mais utilizados foram *can* e *poder*, em diferentes conjugações. Os verbos *dever*, *should* e *must* foram utilizados com menos frequências em relação ao número total.

Quanto aos verbos lexicais, o verbo *considerar* foi utilizado com maior frequência nos *corpora* com autores brasileiros, em PB e em inglês. Já no *corpus* de inglês nativo, o verbo com maior número de ocorrências foi *sugerir*. Outros verbos comuns aos três *corpora* foram *parecer* e *indicar*.

Considerando-se que este estudo traça uma comparação entre dois idiomas, alguns verbos merecem maior atenção no que diz respeito às traduções. Por exemplo, o verbo *parecer* é traduzido como *seem*, em inglês, e ambos possuem significado semelhante. No entanto, os dados mostraram evidências do verbo *appear*, que, em estruturas como *it appears*, expressa o mesmo significado de *parecer* e *seem*. É importante, portanto, ressaltar que *parecer* apresenta significado epistêmico, ao passo que *aparecer* não possui a mesma carga

semântica. Assim, pode-se concluir que os *corpora* em inglês tiveram mais ocorrências desse tipo em relação ao *corpus* em português.

Os dados mostram, também, ocorrências de verbos sendo utilizados extensivamente nos *corpora* em inglês, mas não no *corpus* em PB. Os verbos *argumentar/argue*, por exemplo, somaram 73 ocorrências em inglês e apenas quatro em PB, o que sugere apenas que as duas línguas possuem características diferentes de uso de verbos e organização retórica da escrita acadêmica.

Quanto à categoria dos advérbios e adjetivos, de um modo geral, ela apareceu com menos frequência nos três *corpora* analisados. Advérbios de frequência como *often*, *usually* e *generally* apareceram com bastante frequência em inglês, já em PB, *frequentemente* teve apenas uma ocorrência. Um dado interessante seria o fato de os brasileiros utilizarem advérbios e adjetivos com frequências aproximadas em português, enquanto em inglês a diferença é maior. Os autores brasileiros parecem, portanto, utilizar os advérbios e adjetivos de forma semelhante aos nativos de inglês, o que parece sugerir diferenças na organização retórica das duas línguas.

Considerações Acerca da Transferência de *Hedges* entre o Português Brasileiro e o Inglês como Língua Adicional

A partir da análise das ocorrências encontradas, algumas considerações devem ser feitas a respeito de alguns verbos. Primeiramente, nos dois *corpora* produzidos por falantes brasileiros, o verbo *considerar* foi utilizado mais na voz passiva, diferentemente do *corpus* CInL1. Vejamos alguns exemplos:

(1)... o meio sócio-histórico passa a ser considerado como parte integrante do processo de aquisição de uma língua. (PBLH6)

(2) ... language is considered to be something special... (INLH2)
... a linguagem é considerada algo especial...

- (3) ...and the failure of some linguists and psycholinguists to consider alternative theoretical explanations of their empirical results. (InLS1)
.... e a falha de alguns linguistas e psicolinguistas ao considerar explicações teóricas alternativas de seus resultados empíricos.

Tais resultados vão ao encontro de estudos como o de Molsing e Perna (2014), que afirmam que os nativos de PB preferem estruturas passivas analíticas e sintéticas, ao invés de expressões explícitas.

De forma geral, a voz passiva foi utilizada com mais frequência pelos brasileiros em comparação aos nativos de inglês. Hinkel (1997) sugere que falantes não nativos parecem preferir estruturas passivas para expressar algumas construções discursivas que não existem em inglês. A partir dos resultados, é possível afirmar que existem diferenças retóricas no uso da voz passiva em PB e em inglês, pois os brasileiros parecem ter preferência por este tipo de estrutura como estratégia de modalização. Os dados, então, parecem indicar que ocorreu algum tipo de transferência.

Consideremos o verbo *verificar*, outro verbo lexical com valor epistêmico. Este verbo foi utilizado nos *corpora* CPB e CInLA com um número aproximado de ocorrências. Já no *corpus* de inglês nativo, foram encontradas apenas duas ocorrências de *verify*. Diante do uso desses verbos, é importante ressaltar a diferença de significados de alguns verbos lexicais aparentemente similares nas duas línguas. *Verificar* e *verify* possuem significados distintos. Vejamos alguns exemplos:

- (4) Foi possível verificar quais crianças geraram sinais condizentes com padrões de atenção, ou seja, sinal forte para estímulos novos e sinal fraco para estímulos velhos. (PBLH9)

- (5) We can verify evidence of E1, E2 and E3 levels in all grades. (INLH3)
Nós podemos observar evidência dos níveis E1, E2 e E3 em todas as séries.

(6) ... online data [...] are needed to verify claims about the psychology of conceptual metaphors. (InLS1)

... *dados online são necessários para verificar as alegações a respeito da psicologia de metáforas conceituais.*

Os exemplos mostram que, em PB, o verbo *verificar* pode ser usado com carga semântica similar a *observar*. Em inglês, *verify* significa checar ou demonstrar a veracidade de algo, de modo que no *corpus* analisado parece haver a preferência por verbos como *investigate* e *observe*, ao invés de *verify*, o que pode ser corroborado pelas baixas frequências encontradas. Traduções diretas desse tipo, portanto, poderiam causar problemas no texto.

Outro verbo que apresentou diferenças de uso foi o verbo *acreditar*. Em comparação aos outros dois *corpora*, foram encontradas poucas ocorrências de *believe* no CInL1. No entanto, encontramos ocorrências do verbo *think* (n=29). Os verbos *think* e *believe* se assemelham por apresentar carga semântica de "ter uma opinião sobre algo" (OXFORD..., 2005). Em português, *think* pode ser traduzido como *pensar*, *achar* ou *acreditar*, mas encontramos apenas duas ocorrências de *pensar* e uma de *achar* no CPB. Tais dados parecem sugerir que em inglês há a preferência pelo verbo *think* em comparação a *believe*, enquanto em português a preferência é pelo verbo *acreditar*. O número aproximado de ocorrências do verbo *believe* nos dois *corpora* escritos por brasileiros, pode indicar que temos outro caso de transferência, possivelmente proveniente de uma tradução direta, já que o *corpus* de referência mostra tendências diferentes de uso.

Quanto às categorias de adjetivos e advérbios, os resultados indicaram que houve pouca ou nenhuma transferência, o que parece sugerir que os não-nativos adquiriram a competência pragmática em relação ao significado e a distribuição desses itens, sugerindo, também, facilidade na aquisição dessas categorias em comparação aos verbos.

Em termos gerais, podemos notar que as transferências apontadas ocorrem principalmente com os verbos lexicais, devido às diferenças semânticas

que resultam de traduções diretas e de diferentes tendências de uso na escrita acadêmica em línguas distintas. Ainda é possível afirmar que as poucas evidências de influência da língua materna indicam um alto nível de proficiência dos autores, o que já era esperado com a seleção do *corpus* desta pesquisa, a qual levou em conta, dentre outras características, a classificação dos periódicos no Sistema *Qualis* da CAPES.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo descrever as estratégias de *hedging* utilizadas em artigos científicos escritos por brasileiros em PB e em inglês e as possíveis transferências da L1 para a LA, a partir de um *corpus* de referência composto por artigos escritos por falantes nativos norte-americanos. A pesquisa teve como base as listas de *hedges* propostas por Hyland (1998, 2000), dando preferências aos itens lexicais categorizados em verbos modais, verbos lexicais, adjetivos e advérbios. Após um breve estudo teórico a respeito da escrita acadêmica e uma explicação sobre o gênero artigo científico, foram apresentadas as definições de *hedges*, seus usos e funções no texto acadêmico. Os dados foram obtidos a partir da ferramenta *Wordlist* do programa *AntConc* (ANTHONY, 2014).

Os resultados sugerem que há diferenças no uso de estratégias de *hedging* entre os dois idiomas analisados. Essas diferenças se manifestaram de forma mais acentuada na categoria dos verbos, que, se traduzidos diretamente, podem causar estranhamento devido à diferença de significados e às tendências de uso no texto acadêmico.

Considerando que os *hedges* apresentam papel essencial na escrita acadêmica ao permitir que os autores manipulem seus textos com o objetivo de serem aceitos por uma determinada comunidade discursiva, deve-se ressaltar a importância destas estratégias no ensino e aprendizagem para fins acadêmicos. Visto que a língua é permeada pelos aspectos culturais do falante, pode apresentar aspectos que evidenciam transferências da L1 para a LA. Tais

transferências podem, ocasionalmente, resultar em falhas pragmáticas que podem vir a comprometer a aceitação de um indivíduo em uma comunidade discursiva, pois esta envolve mais que a mera apresentação de proposições.

Assim, compreender o uso dos *hedges* na escrita acadêmica, seja na L1 ou em uma LA, implica ter consciência das consequências do seu uso inapropriado em termos pragmáticos. O conhecimento das tendências de uso destas estratégias em diferentes línguas não deve ser negligenciado, visto que ele reflete a competência linguística e pragmática dos autores de textos científicos. O presente trabalho, portanto, contribui para a área dos estudos especializados, assim como a área de ensino e aprendizagem de português e inglês para fins acadêmicos, de forma a ressaltar, no ambiente instrucional, a necessidade da elaboração de atividades que foquem não só no reconhecimento das estratégias de *hedging* em ambos idiomas analisados, mas também nas implicações de seus usos em uma perspectiva translinguística cultural que leve em consideração diferentes tendências de uso e suas consequências pragmáticas na área acadêmica.

Referências

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão. Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 129-142, jan./jun. 1999.

ANTHONY, Laurence. AntConc (Version 3.4.3) [Computer Software]. Tokyo: Waseda University, 2014. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 5 abr. 2019.

BERBER-SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

BHATIA, Vijay. Applied genre analysis and ESP. In: MILLER, Tom (ed.). *Functional approaches to written text: classroom applications*. Washington: United States Information Agency, 1997.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARVALHO, Ednúsia Pinto. *Marcas de atenuação retórica: um estudo contrastivo*. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CLYNE, Michael. The sociocultural dimension: the dilemma of the German speaking scholar. *In*: SCHRODER, Hartmut (ed.). *Subject-oriented texts. Languages for special purposes and text theory*. Berlin: De Gruyter, 1991. p. 49-68.

CONNOR, Ulla. *Contrastive rhetoric: cross-cultural aspects of second language writing*. New York: Cambridge University Press, 1996.

GALTUNG, Johan. Deductive thinking and political practice: an essay of the teutonic intellectual style. *In*: GALTUNG, Johan (ed.). *Papers on methodology, essays on methodology*. Copenhagen: Ejlers, 1979. v. 2.

HINKEL, Eli. Indirectness in L1 and L2 academic writing. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 27, n. 3, p. 360-386, 1997.

HYLAND, Ken. *Disciplinary discourses: social interactions in academic writing*. London: Longman/Ann Arbor, 2000.

HYLAND, Ken. *English for academic purposes: an advanced resource book*. New York: Routledge, 2006.

HYLAND, Ken. Hedging in academic writing and EAP textbooks. *English for Specific Purposes*, New York, v. 13, n. 3, p. 239-256, 1994.

HYLAND, Ken. *Hedging in scientific research articles*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

HYLAND, Ken. The author in the text: hedging scientific writing. *Hong Kong Papers in Linguistics and Language Teaching*, Pokfulam, HK, v. 18, p. 33-42, 1995.

KADAR-FULOP, Judith. Culture, writing, and curriculum. *In*: PURVES, Alan C. (ed.). *Writing across languages and cultures: issues in contrastive rhetoric*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1988. p. 25-50.

KELLERMAN, Eric. The empirical evidence for the influence of the L1 in interlanguage. *In*: DAVIES, Alan; CRIPER, Clive; HOWATT, Anthony P. R. (ed.). *Interlanguage*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1984. p. 98-122.

KROLL, Barbara. Considerations for teaching na ESL/EFL writing course. *In*: CELCE-MURCIA, Marianne (ed.). *Teaching English as a second/foreign language*. Boston: Heinle & Heinle, 2001. p. 219-232.

LACKSTROM, John E.; SELINKER, Larry; TRIMBLE, Louis. Grammar and technical english. *English Teaching Forum*, Washington, v. 10, n. 5, p. 3-14, 1972.

LAKOFF, George. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. *Journal of Philosophical Logic*, Dordrecht, NL, v. 2, p. 458-508, 1973.

MARKKANEN, Raija; SCHRODER, Hartmut. *Hedging and its linguistic realizations in German, english and finnish philosophical texts: a case study*. Vaasa: Vaasan Korkeakoulu, 1988a.

MARKKANEN, Raija; SCHRODER, Hartmut. Hedging as a translation problem in scientific texts. In: LAUREN, Christer; NORDMAN, Marianne (ed.). *Special language: from human thinking to thinking machines*. Clevedon, AV: Multilingual Matters, 1988b. p. 171-180.

MCENERY, Tom; HARDIE, Andrew. *Corpus linguistics: method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MOLSING, Karina Veronica; PERNA, Cristina Becker Lopes. *The pronominal use of -se in brazilian portuguese academic writing*. Unpublished Manuscript, 2014.

NEARY-SUNDQUIST, Colleen. The use of hedges in the speech of ESL learners. *Elia: Estudios de Linguística Inglesa Aplicada*, Madrid, v. 13, p. 149, 2013.

ODLIN, Terence. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. New York: Cambridge U. P., 1989.

OXFORD advanced learner's dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2005.

PURVES, Alan C. Introduction. In: PURVES, Alan C. (ed.). *Writing across languages and cultures: issues in contrastive rhetoric*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1988. p. 9-21.

REZENDE, Patrícia Almeida; HEMAIS, Bárbara. Análise comparativa de artigos científicos da área da saúde. *The ESpecialist*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 131-152, 2004.

ROUNDS, P. *Hedging in written academic discourse: precision and flexibility*. Michigan: University of Michigan, 1982. Mimeografado.

SHARWOOD-SMITH, Michael A. On first language loss in the second language acquirer: problems of transfer. In: GASS, Susan M.; SELINKER, Larry (ed.). *Language transfer in language learning*. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 222-231.

SHEN, Fan. The classroom and the wider culture: identity as a key to learning English composition. *College Composition and Communication*, Urbana, v. 40, p. 459-66, 1988.

UYSAL, Hacer Hande. Argumentation across L1 and L2 writing: exploring cultural influences and transfer issues. *VIAL: Vigo International Journal of Applied Linguistics*, Vigo, GZ, n. 9, p. 133-519, 2012.

VARTALLA, Teppo. Remarks on the communicative functions of hedging in popular scientific and specialist research articles on medicine. *English for Specific Purposes*, New York, v. 18, n. 2, p. 177-200, 1999.

ZUCK, Joyce G.; ZUCK, Louis V. Hedging in news writing. In: CORNU, Anne-Marie VANPARIJS, Johan; BATEN, Lut (ed.). *Beads or bracelet? How do we approach LSP?* Oxford, OX: Oxford University Press, 1987. p. 172-181.